

O APAGAMENTO DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL EM DUAS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS UMA DESCRIÇÃO PRELIMINAR

Danielle Kely Gomes (UFRJ)

RESUMO

O apagamento da vogal postônica medial, processo que culmina a regularização de proparoxítonos ao padrão paroxítono, é um fenômeno antigo em Português, com raízes no latim. A redução fonética de vocábulos proparoxítonos é observada em diversas normas do Português Brasileiro (PB). Contudo, em outras realidades de uso do Português, sejam contextos em que este tem status de língua materna da maior parte dos indivíduos, sejam contextos em que assume feições de uma segunda língua (ou até mesmo de uma língua estrangeira), as descrições são escassas, ou mesmo inexistentes. Neste trabalho, propõe-se uma comparação entre dados do Português de São Tomé (PST) e do Português de Moçambique (PM), produzidos por doze informantes (seis em cada comunidade), pertencentes à faixa etária mais jovem (indivíduos com idades entre 18 e 35 anos). A hipótese que norteia este trabalho é a de que as proparoxítonas, padrão acentual atípico até para falantes de Português como L1, seriam consistentemente regularizadas a paroxítonas nas duas variedades, como efeito do contato do Português com as outras línguas que com ele coexistem em ambas as comunidades. Os resultados revelaram um comportamento similar entre as normas de uso analisadas no que

tange aos índices percentuais para a ocorrência do fenômeno: índices expressivos de apagamento da vogal átona medial (38% na variedade são tomense e 36%, nos dados da variedade moçambicana). Observaram-se similaridades na atuação das variáveis linguísticas que controlam o efeito dos segmentos adjacentes à postônica medial e divergências nos condicionamentos sociais que medem o efeito dos anos de escolarização e a influência do contato linguístico no apagamento da vogal postônica medial.

INTRODUÇÃO

Em Português, verifica-se, no contexto postônico medial, a aplicação de duas regras fonológicas. Ao lado da regra de alteamento das vogais médias, que promove a realização fonética como vogal alta para os fonemas /e/ e /o/ (hipót[e] se~hipót[i]se; mét[o]du ~mét[u]du), a regra de apagamento também é produtiva (árv[o]re ~arv[u]re~arvri/arvi; cócegas ~ cóc[i]gas~coska), e regulariza itens proparoxítonos ao padrão acentual paroxítono. Processos que afetam o vocalismo postônico medial se fazem presentes desde o latim, e se conservam em Português, em sua diversidade.

Nesta investigação, apresentam-se os resultados de uma análise preliminar que compara duas variedades africanas do Português – a são-tomense (PST) e a moçambicana (PM) – no que se refere ao comportamento do vocalismo átono postônico medial, sobretudo ao processo de apagamento dessa vogal.

Para tanto, o capítulo contém as seguintes seções, na seguinte sequência: apresentam-se sínteses de trabalhos que focalizam o comportamento variável da postônica medial em Português; justifica-se a pertinência da pesquisa em andamento; discutem-se questões vinculadas a aspectos históricos e sociolinguísticos das comunidades investigadas; arrolam-se as hipóteses e a metodologia adotada para o tratamento dos dados; discutem-se os resultados e, por fim, tecem-se as considerações finais sobre o comportamento variável das proparoxítonas nas variedades são tomense e moçambicana.

AS POSTÔNICAS MEDIAIS EM PORTUGUÊS: O QUE OS ESTUDOS JÁ MOSTRARAM

No âmbito do Português do Brasil (PB), um volume considerável de pesquisas registra a vitalidade e a persistência do fenômeno de apagamento da vogal postônica medial (cf., por exemplo, CAIXETA, 1989; AMARAL, 2000; SILVA, 2006, 2010; FONSECA, 2007; LIMA, 2008, 2017; RAMOS, 2009; CHAVES, 2011; GOMES, 2012). Os estudos, ainda que apresentem índices percentuais

diferenciados de aplicação da regra para cada variedade analisada, revelam consistência na atuação dos condicionamentos linguísticos e sociais, sobretudo a influência de restrições como a natureza dos contextos antecedente e subsequente à vogal, o traço de articulação da vogal apagada, o número de sílabas do vocábulo proparoxítono e a escolaridade.

No âmbito do Português Europeu (PE), os estudos são mais escassos (cf. os trabalhos de FERNANDES, 2007; GOMES, 2012, 2015), e revelam que a regularização de proparoxítonos a paroxítonos está condicionada a aspectos da configuração do sistema vocálico da variedade europeia, que propicia – de forma generalizada por todo o vocalismo átono – a atuação mais frequente de regras de apagamento.

No que concerne às variedades africanas do Português, o quadro ainda está por se revelar. Gomes (2017), em um estudo contrastivo entre a variedade brasileira, a europeia (com dados do *corpus* Concordância) e a são tomense (com dados da amostra *Variedades do Português¹* - VAPOR), demonstra que há diferenças quantitativas consideráveis entre as variedades: no Português de São Tomé (PST), os índices de apagamento são elevados (34,7%, contra 10,8% para o PE e 2,6% para o PB), ainda que as variáveis estruturais para a implementação do apagamento atuem de forma semelhante nos três subconjuntos de dados analisados.

Do ponto de vista das restrições linguísticas, as três variedades se mostram sensíveis quanto à atuação dos contextos precedente e subsequente à vogal postônica medial: a possibilidade de ressilabificação das consoantes adjacentes à vogal – seja em direção à coda da sílaba tônica (cócegas > cosca), seja em direção ao ataque da sílaba átona final (fósforo > fosfro) – é o condicionamento decisivo para a implementação da regra no PB, no PE e no PST, embora as diferenças quantitativas sejam marcantes.

A PROPOSTA DESTE TRABALHO: A COMPARAÇÃO PRELIMINAR ENTRE DUAS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS

Gomes (2018) demonstra que o apagamento das vogais mediais no Português de São Tomé não pode estar desassociado de questões relativas ao contato linguístico. A relação que se estabelece entre o Português e o Forro, crioulo de base lexical portuguesa que coexiste com o Português na cidade de São Tomé,

¹ Corpus organizado por Tjerk Hagemeijer e recolhido no ano 2009, na cidade de São Tomé. O projeto está sediado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

local de recolha dos inquéritos que compõem o corpus *Variedades do Português*, se revela como uma restrição de relevância para a ocorrência do apagamento das vogais átonas mediais.

No trabalho citado, a autora demonstra uma correlação direta entre a queda da postônica medial e a frequência de uso do Forro: os indivíduos que afirmam usar eventualmente o crioulo tendem a apresentar índices mais elevados de apagamento de vogais, em conformidade a uma tendência do Forro em eliminar segmentos átonos, de forma a regularizar as palavras de origem portuguesa à estrutura silábica CVCV (FERRAZ, 1979, p. 47). Sendo assim, o comportamento da variedade são tomense é regulado por questões derivadas do multilinguismo generalizado que marca o contexto insular.

Para verificar se esse mesmo comportamento se mantém em outras variedades africanas do Português igualmente marcadas por contatos linguísticos massivos e consistentes, propõe-se, neste trabalho, uma comparação entre os resultados verificados para os seis informantes da primeira faixa etária de São Tomé e os seis informantes de Moçambique com o mesmo perfil. O *corpus* relativo ao Português de Moçambique (PM) pertence ao projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades Africanas, Brasileiras e Europeias do Português*.² Os motivos que levam à comparação entre São Tomé e Moçambique e à caracterização dos *corpora* serão apresentados a seguir.

PERFIL E HISTÓRICO SOCIOLINGÜÍSTICOS DAS COMUNIDADES ANALISADAS

A história de colonização de São Tomé pode ser dividida em dois ciclos. O primeiro, que vai do início da ocupação efetiva das ilhas (1493) até os fins do século XVI, é marcado pelo plantio da cana-de-açúcar. O segundo, a partir da segunda metade do século XIX, é caracterizado pelas culturas de café e cacau.

Do ponto de vista linguístico, no primeiro ciclo surge um *pidgin* que assegura a comunicação mínima entre os portugueses e os africanos que habitavam a ilha. Foi a partir da nativização desse *pidgin* que se originou um crioulo de base lexical portuguesa, a língua da comunidade de escravizados. De acordo com Gonçalves e Hagemeijer (2015, p. 88), o Forro – crioulo majoritário de São Tomé e Príncipe – é a continuação no tempo dessa protolíngua. A cultura açucareira de São Tomé e Príncipe entra em declínio nos fins do século XVI, com a inserção no cenário internacional do açúcar produzido no nordeste do Brasil. São Tomé

² Os inquéritos foram recolhidos por Silvia Rodrigues Vieira e Karen Cristina da Silvia Pisurno em setembro de 2016 na cidade de Maputo.

deixa de ser uma colônia de produção açucareira e se torna um entreposto para o comércio de escravizados.

O segundo ciclo, a partir da segunda metade do século XIX, coincide com a abolição da escravatura na ilha (1869) e com a abolição formal da condição jurídica dos libertos (1875). Os dois processos levam a uma crise de mão de obra, e a administração colonial passa a adotar o regime de contrato, com a contratação de trabalhadores oriundos de outras colônias portuguesas em África (Angola, Cabo Verde e Moçambique).

Do ponto de vista da caracterização linguística do segundo ciclo de colonização, o período é marcado pela consolidação do Português como L1 dominante, se sobrepondo às línguas crioulas, que possuíam hegemonia absoluta até o século XIX. Gonçalves e Hagemeijer (2015: 88) afirmam que, até o século XVIII, o Forro é a língua materna de grande parte da população nativa de São Tomé, estando o Português em um espaço limitado, como L2. A partir da chegada do grande contingente de contratados na segunda metade do século XIX, o multilinguismo se acentua, mas o contingente populacional que chegou à ilha para o trabalho nas culturas de café e cacau adotou o Português, e não o Forro, como L2.

Durante a colonização, o Português era de acesso muito limitado para os são-tomenses. A partir do Estado Novo em Portugal (1933-1974), a política linguística imposta à colônia foi pautada em uma forte repressão às línguas crioulas, consideradas como ameaça para os interesses do regime. Com o propósito de maior integração à estrutura colonial, a elite urbana são-tomense usava fundamentalmente o português, ainda que se tenham relatos de que os membros dessa elite fossem bilíngues. Contudo, o momento decisivo para a nativização do português é a independência (1975), com sua escolha como língua oficial exclusiva do arquipélago, o que leva à massiva escolarização em português.

Gonçalves e Hagemeijer (2015, p. 91) sintetizam a situação multilinguística atual de São Tomé e Príncipe nos seguintes termos:

De língua da elite e dos domínios altos, o português passou a ser a língua de todos os domínios comunicativos, altos e baixos, da maioria dos são-tomenses. A atual hegemonia do português nas ilhas é também promovida pela ausência de uma política pró-crioula sustentada. A questão da valorização das línguas nacionais veio muitas vezes à tona, mas não produziu estratégias concretas e duradouras para o futuro. Desta forma, a estigmatização dos crioulos, herdada do tempo colonial, não foi devidamente ultrapassada, impedindo, em definitivo, a criação de uma identidade crioula ligada às línguas crioulas. Por todas essas razões, São Tomé e Príncipe é hoje a ex-colônia portuguesa onde

se registra o maior número de falantes nativos do português, o que significa também que todos os crioulos autóctones de São Tomé e Príncipe estão ameaçados.

A situação linguística de Moçambique está configurada de forma bastante distinta da de São Tomé. Moçambique “entra” no cenário colonial português em 1497, com a chegada de Vasco da Gama. Enquanto colônia, Moçambique não despertou, nos séculos XVI e XVII, o interesse do Império Português, tanto que a administração do território era feita a partir da Índia até meados do século XVIII. Uma presença mais efetiva da máquina colonial se registra a partir de 1918, com o fim das campanhas militares para a ocupação efetiva do território. Só a partir de então começam a surgir medidas para a implementação de um sistema de educação.

A partir desse momento, se devolvem as bases para a difusão do Português no território moçambicano. A construção, por parte do governo português, de uma política efetiva de assimilação cultural se estabelece a partir de 1930, com a introdução do Português como língua para instrução escolar. Com a independência, em 1975, o Português é adotado como língua oficial.

Contudo, a adoção do Português como língua oficial se enquadra em um espectro mais amplo da situação multilinguística de Moçambique. Dados do Censo (2007) e de diversos estudos sobre a realidade linguística moçambicana revelam que o Português coexiste com um conjunto muito variado de línguas autóctones, todas pertencentes à família de línguas *Banto*. De acordo com Pissurno (2018, p. 82-83),

Esses idiomas, [...], são, para muitos habitantes das áreas rurais de Moçambique, especialmente aqueles acima dos 50 anos de idade, suas línguas maternas. [...]. Sendo assim, o idioma tido como oficial apresenta um *status* de língua estrangeira (LE) para esses indivíduos, ou seja, uma língua utilizada em situações bastante artificiais, especialmente instrucionais, já que a língua alvo só é aprendida em contextos de educação formal, enquanto em casa os indivíduos utilizam suas línguas maternas para comunicação diária. Por outro lado, nas áreas urbanas, a situação é similar à do uso de uma segunda língua (L2), ou seja, a exposição à língua alvo não se faz apenas em contexto escolar, mas é exigida em praticamente todos os ambientes nos quais os indivíduos estabelecem comunicação, já que, mesmo que dentro de casa eles falem sua língua materna, fora dela é necessário comunicar-se exclusivamente em outra língua, que não sua L1.

Os dados demográficos e descritivos permitem afirmar que a população moçambicana é, em sua maioria, no mínimo bilíngue. A diversidade linguística que caracteriza o território é fruto da política colonial adotada para a região

desde a chegada dos portugueses, que trataram Moçambique como uma área de menor interesse em termos de exploração, e se acentuou com as ações adotadas a partir do início do século XX, com a política de implementação do Português como língua do império.

Com o breve perfil sócio-histórico-linguístico das comunidades investigadas, fica evidente que há pontos de interseção e de separação entre o Português de São Tomé e Príncipe e o Português de Moçambique. Em comum às duas, a emergência de variedades do português em realidades multilíngues. Todavia, as diferenças no processo de exploração colonial levaram ao estabelecimento de políticas diferenciadas para a implementação do Português em cada território. Hagemeyer (2018, p. 8) assim resume as diferenças entre o PST e o PM:

trata-se de duas variedades com características sociolinguísticas distintas: [a variedade do Português de Moçambique] está em contacto com línguas aglutinantes do grupo banto e apresenta uma taxa de nativização crescente, embora ainda relativamente baixa; a [variedade do Português de São Tomé] constitui a L1 da maioria da população, mesmo que os censos nacionais não explicitem esta informação.

HIPÓTESES E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Partindo-se da hipótese de que o contato com outras línguas seria um condicionamento essencial na realização de um padrão acentual atípico mesmo para indivíduos que possuem português como L1³ e que não convivem em situação de multilinguismo generalizado, espera-se que índices elevados de apagamento da vogal postônica medial sejam encontrados tanto no PST quanto no PM.

No âmbito de São Tomé e Príncipe, sabe-se que no Forro a tendência geral é a de apagamento de segmentos, em favor da regularização dos vocábulos a sequências dissilábicas. Sobre essa característica do Forro, vale destacar as considerações de Ferraz (1979, p. 38), o primeiro trabalho de descrição desse crioulo de base lexical portuguesa:

Palavras portuguesas têm tipicamente um número de sílabas maior do que as palavras do Forro. As palavras do Forro são, geralmente, dissilábicas. Essa diferença na estrutura silábica resulta em um **frequente apagamento de segmentos quando palavras portuguesas são incorporadas ao Forro**. Esse apagamento – na forma de aférese,

³ Araújo *et al.* (2007: 37-38) realizaram um levantamento da produtividade dos padrões acentuais, com base no levantamento de todos os verbetes do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Os autores chegaram a um total de 150.875 palavras, das quais 18.413 são proparoxítonas, o que equivale a somente 12% do total.

síncope ou apócope – pode envolver vogais átonas, sílabas ou seqüências de segmentos. Segmentos acentuados em português não são apagados. (grifo nosso)

Sobre a variedade moçambicana, não se conhecem estudos que descrevam os sistemas vocálicos das línguas banto de Moçambique. Assim, a hipótese de investigação vai na linha de que as proparoxítonas se regularizariam com frequência por conta da baixa frequência de itens lexicais com acento na antepenúltima sílaba e, por consequência, da não naturalidade do padrão proparoxítono no rol dos parâmetros acentuais do Português. É esperado que um indivíduo que tenha Português como L2 ou que tenha adquirido Português como L1 e domine uma (ou várias) língua(s) banto tenha dificuldade em produzir um padrão acentual atípico no inventário fonológico do Português.

Para testagem das hipóteses, levantaram-se 554 dados em 12 inquéritos – seis relativos a São Tomé e seis relativos a Moçambique. Os indivíduos – seis homens e seis mulheres, todos pertencentes à faixa etária mais jovem (18 a 35 anos) – estão distribuídos em três níveis de escolaridade. Nos quadros a seguir, observa-se a distribuição dos informantes, de acordo com a frequência (baixa ou média) de uso de crioulo (São Tomé) e ao uso de Português como L1 ou L2 (Moçambique)

Quadro 1: Informantes são-tomenses, distribuídos em relação à frequência de uso de um crioulo

Nível 1 de Instrução		Nível 2 de Instrução		Nível 3 de Instrução	
homem	mulher	homem	mulher	homem	mulher
A1H - baixa	A1M - média	A2H - média	A2M - baixa	A3H - baixa	A3M - baixa

Quadro 2: Informantes moçambicanos, distribuídos em relação ao uso do Português como L1 ou L2

Nível 1 de Instrução		Nível 2 de Instrução		Nível 3 de Instrução	
homem	mulher	homem	mulher	homem	mulher
A1H - L2	A1M - L1	A2H - L1	A2M - L2	A3H - L1	A3M - L1

A análise empreendida neste trabalho toma por base o suporte teórico metodológico da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Os 554 dados foram analisados com o auxílio do *software* Goldvarb-X. Postularam-se nove variáveis linguísticas – a natureza dos contextos antecedente e subsequente, os traços de articulação das vogais tônica, postônica medial e postônica final, a estrutura da sílaba tônica, a classe morfológica do vocábulo, o

número de sílabas da palavra e a produtividade do item no léxico, e cinco variáveis sociais – sexo, escolaridade, frequência de uso de um crioulo (São Tomé), uso do Português como língua primeira ou segunda (Moçambique) e línguas dominadas pelos informantes (Moçambique).

RESULTADOS

Os índices gerais e aplicação da regra de apagamento da vogal postônica medial, em função de cada variedade analisada, estão expostos na tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Índices gerais de apagamento da vogal postônica medial em cada variedade analisada

Variedade	apl/t	exemplo
PST	111/288 = 38%	[ˈsɛklʊ]
PM	96/266 = 36%	[ˈarvriʃ]

A tabela acima revela aspectos convergentes na comparação entre as variedades: não há diferença, em termos de frequência bruta, entre PST e PM nos índices gerais de aplicação da regra. Ambas variedades apresentam índices expressivos de apagamento da vogal postônica medial.

No quadro 3, a seguir, apresentam-se os condicionamentos apontados como estatisticamente relevantes para a aplicação da regra em cada variedade.

Quadro 3: Condicionamentos estatisticamente relevantes para o apagamento da postônica medial no Português de São Tomé (PST) e no Português de Moçambique (PM)

PST		PM	
Contexto precedente <i>Escolaridade</i> <u>Contexto subsequente</u> Frequência de uso de um crioulo		<i>Escolaridade</i> Contexto precedente <u>Contexto subsequente</u>	
Input:	.38	Input:	.36
	.30		.35
Significância	.03	Significância	.00

Para a descrição dos resultados, em um primeiro momento serão descritas as variáveis linguísticas selecionadas, um ponto de convergência entre as duas variedades; em um segundo momento, serão descritos os resultados para variável *escolaridade*, também selecionada tanto para o PST quanto para o PM; por fim,

apresentam-se os resultados para a variável *frequência de uso de um crioulo* e uma tentativa de reflexão sobre o papel do *Português como L1 ou L2* no comportamento dos dados moçambicanos.

Na tabela 2, a seguir, apresentam-se os índices percentuais e os pesos relativos para a variável contexto precedente, a variável linguística mais saliente para ambas as variedades.

Tabela 2: Consoante precedente

contexto	Exemplos	PST		PM	
		apl/t	P.R	apl/t	P.R
obstruintes	<i>época</i> – [‘ɛpkɐ]	100/196 = 51%	.66	77/165 = 46.7%	.59
nasais	<i>nômade</i> – [‘nõmd]	6/32 = 18.8%	.19	8/43 = 18.6%	.20
líquidas	<i>célula</i> – [‘sɛlɐ]	3/38 = 7.9	.09	6/17 = 35.3%	.42

Os resultados da tabela 2 revelam que, tanto para o PST quanto para o PM, a presença de consoantes obstruintes [ɛpkɐ] no ataque da sílaba postônica não final é o contexto que mais favorece o apagamento da vogal postônica medial, com .66 e .59 de peso relativo, respectivamente. Os demais contextos considerados, nas duas variedades, estão abaixo do ponto neutro, se mostram desfavorecedores para a ocorrência do processo. Quando se contrastam os resultados do contexto precedente com o contexto subsequente, percebe-se que há uma certa convergência entre as variáveis. Os resultados para as consoantes subsequentes estão expressos na tabela 3, a seguir.

Tabela 3: Consoante subsequente

contexto	Exemplos	PST		PM	
		apl/t	P.R	apl/t	P.R
obstruintes	<i>político</i> – [p’litku]	79/210 = 37.6%	.45	54/170 = 31.8%	.46
nasais	<i>décimo</i> – [‘desmu]	22/53 = 41.5%	.54	26/68 = 38.2%	.43
líquidas	<i>espetáculo</i> – [ʃp’taklu]	10/25 = 40%	.77	16/28 = 57.1%	.82

Os índices expressos na tabela 3 mostram que as consoantes líquidas – a lateral e a vibrante – são os contextos que mais favorecem o apagamento da vogal postônica medial nas duas variedades (.77 para o PST e .82 para o PM). Nos dados do PST, ainda há um ligeiro favorecimento proporcionado pela presença de uma consoante nasal no ataque da sílaba átona final (.54). Quando se compararam tais índices com os verificados para o contexto precedente – variável em que

as obstruintes se revelam como um contexto favorecedor de aplicação da regra nas duas variedades – nota-se que o apagamento é regido pela possibilidade de ressilabificação das consoantes em direção ao ataque da sílaba átona final, com a formação de um ataque complexo formado por obstruinte e consoante líquida. Essa é uma tendência histórica em português, com raízes no latim vulgar⁴.

Com relação à variável escolaridade, selecionada tanto para o PM quanto para o PST, os resultados já não se revelam uniformes para as duas variedades. Na tabela 4, a seguir, é possível perceber que o nível de instrução é um condicionamento com efeito diferenciado para cada conjunto de dados.

Tabela 4: Escolaridade

	PST		PM	
	apl/t	P.R	apl/t	P.R
Nível 1	7/67 = 10.4%	.13	12/50 = 24%	.39
Nível 2	43/94 = 45.7%	.53	64/116 = 55.2%	.70
Nível 3	61/129 = 47.3%	.70	20/100 = 20%	.30

Para os dados de São Tomé, percebe-se uma escalaridade na atuação da variável: quanto maior o nível de instrução, maiores são os pesos relativos para o apagamento. A expectativa era que o aumento do nível de instrução atuasse como um bloqueador da regra de apagamento. Não podemos nos esquivar da hipótese de que o maior favorecimento para o nível 3 de instrução tenha alguma relação com uma espécie de espelhamento da norma de referência do Português de São Tomé, que seria a norma do Português Europeu, um sistema que propicia o apagamento de segmentos átonos. Os indivíduos com os níveis mais altos de instrução são aqueles que saíram de São Tomé e foram estudar em Portugal. Contudo, o Forro também se caracteriza por um processo amplo de apagamento de segmentos átonos para a implementação do padrão dissilábico. Logo, a questão da atuação da variável escolaridade pode estar atrelada a questões outras, muito complexas para serem medidas a partir de variantes tão estanques.

⁴ Destaca-se que o Appendix Probi (CASTRO, 1981, p. 81-83) já registra formas do tipo *speculum non speclum, masculus non masclus. vetulus non veclus, vitulus non viclus. vernaculus non vernachus, articulus non articlus, baculus non vaclus, angulus non anglus, iugulus non iuglus. barbarus non barbar, calida non calda, oculus non oclus, stabulum non stablum, tribula non tribla, viridis non virdis, vapulo non baplo*. Na maior parte dos dados, as formas “condenadas” sofrem redução pela queda da vogal postônica medial e pela formação de uma estrutura consoante obstruinte + líquida no ataque da sílaba átona final.

Os resultados para os dados de Moçambique poderiam ser ainda mais contraditórios, caso tratados de forma isolada. Um olhar atento para o perfil dos informantes com nível médio de instrução pode justificar a relevância da variante e a seleção da variável na análise estatística.

Os dois informantes de nível médio são os que produzem o maior número de *tokens* (116) e o maior número de palavras proparoxítonas diferentes – 27 itens lexicais para o informante masculino e 29 para a informante feminina. Além disso, cumpre destacar que os dois informantes, pela profissão que exercem (são funcionários de um hotel), possuem uma desenvoltura maior do que os demais que compõem a subamostra deste trabalho. Os dois informantes são mais espontâneos, se arriscam mais em termos de produtividade de palavras proparoxítonas e de quantidade de dados. Por consequência, exibem um índice maior de apagamento da vogal átona medial, o que se demonstrou de forma contundente na análise estatística. Logo, em Moçambique, o efeito não é exclusivo da escolaridade, mas um reflexo do perfil social dos informantes.

A influência do contato linguístico no apagamento da vogal postônica medial foi controlada através de três variáveis: a frequência de uso de um crioulo (São Tomé), o uso de Português como L1 ou L2 e as línguas dominadas pelos informantes (Moçambique). Das três variáveis postuladas, apenas a relativa aos dados são-tomenses foi selecionada pelo programa de análises estatísticas. Na tabela 5, a seguir, apresentam-se os índices percentuais e os pesos relativos para a frequência de uso de um crioulo.

Tabela 5: Frequência de uso de um crioulo⁵ (PST)

	apl/t	P.R
Frequência baixa	78/207 = 37.7%	.43
Frequência média	33/50 = 66%	.66

Na tabela acima, é possível observar que os indivíduos que se comunicam fundamentalmente em Português são aqueles que bloqueiam a aplicação da regra de apagamento da vogal postônica medial (.43), enquanto os falantes que afirmam usar o Forro eventualmente são os que favorecem a implementação do

⁵ A variável Frequência de uso de um crioulo foi formulada por Brandão (2016, p. 91) nos seguintes termos: “frequência (a) zero/baixa, referente aos indivíduos que se expressam fundamentalmente em Português; (b) média, relativa aos indivíduos que se expressam em Português, mas dominam um crioulo e dele fazem uso eventualmente; (c) alta, abarcando os indivíduos que, embora falem o Português e o tenham como L1, se expressam, regularmente, num crioulo”.

apagamento (.66). De certa forma, os resultados se coadunam com a hipótese inicial, da influência de uma tendência do Forro ao apagamento de segmentos átonos nas palavras de origem portuguesa com mais de duas sílabas, processo descrito por Ferraz (1979). Contudo, com base nas informações do quadro 1, nota-se que apenas dois informantes se declaram como usuários eventuais do Forro (o homem do nível 1 e a mulher do nível 2 de instrução). Somente com a ampliação do *corpus*, os efeitos da variável ficam mais evidentes⁶.

Com relação aos dados do PM, as variáveis que controlam os efeitos do contato linguístico não foram selecionadas. Os resultados estão expressos na tabela 6, a seguir, e podem fornecer diretrizes para justificar a não seleção das variáveis.

Tabela 6: Relação entre o Português e as línguas locais⁷

Uso de Português como L1 ou L2		
	apl/t	P.R
Português como L1	61/180 = 33.9%	(.53)
Português como L2	35/80 = 40.7%	(.42)
Línguas dominadas pelos informantes ⁸		
Só Português ou apenas compreende as línguas locais	39/93 = 41%	(.46)
Fala Português e línguas locais	57/173 = 32.9%	(.52)

A distorção entre os índices percentuais e os pesos relativos pode justificar a não seleção estatística das variáveis que controlam os efeitos do contato linguístico nos dados do PM. Nota-se que, em termos percentuais, a variante que dá conta do uso de Português como L2 é a mais produtiva no conjunto de dados (40.7%), mas a que desfavorece, em termos de peso relativo, a aplicação da regra de apagamento (.42); o mesmo processo se observa para a variável que investiga as línguas usadas pelos informantes, uma vez que a variante que engloba os dados dos indivíduos que se reconhecem como falantes de Português e línguas

⁶ Gomes (2018) faz uma descrição do efeito da variável frequência de uso de crioulos em um conjunto maior de dados, que incluem os indivíduos da segunda faixa etária. Os resultados, no referido estudo, convergem com os índices preliminares apresentados neste trabalho.

⁷ Os pesos relativos para as variáveis descritas na tabela foram extraídos da primeira rodada do step-down.

⁸ Variável formulada originalmente no trabalho de Pissurno (2017), sobre a concordância verbal nos dados do mesmo corpus.

locais é a menos frequente (32.9%), e a que favorece o apagamento da postônica medial em peso relativo (.52). A falta de convergência entre frequência e peso relativo pode ser um reflexo da atuação de outros parâmetros, que impediram a seleção pelo programa de análises estatísticas.

PARA ENCERRAR (OU ... PARA INICIAR A CONVERSA ...)

Neste trabalho, formulado com o intuito de explorar preliminarmente duas realidades linguísticas dotadas de alta complexidade, buscou-se observar se haveria convergências entre as variedades são-tomense e moçambicana do Português na atuação da regra de apagamento da vogal postônica medial, e se seria possível conduzir um trabalho comparativo entre essas duas variedades, que se caracterizam por conviverem em contexto de multilinguismo acentuado (mesmo que a sócio-história de cada comunidade revele traços diferenciados na relação entre o Português e as línguas locais).

Em termos de frequência bruta de aplicação da regra, nota-se um comportamento similar entre as variedades: índices expressivos de apagamento da vogal átona medial (38% para o PST e 36% para o PM). Observaram-se similaridades na atuação das variáveis linguísticas: em ambas, os contextos adjacentes à vogal postônica são os condicionamentos decisivos para a implementação do apagamento, uma vez que a possibilidade de ressilabificação das consoantes precedente e subsequente em direção ao ataque da sílaba átona final é a restrição que condiciona o apagamento nos dois conjuntos de dados.

Divergências se verificam na atuação das variáveis sociais. A escolaridade atua de forma diferenciada para cada variedade: enquanto nos dados de São Tomé há um movimento escalar, no sentido em que os índices de apagamento aumentam com o aumento da escolaridade, os dados de Moçambique mostram um favorecimento da regra pelos indivíduos de nível intermediário de instrução. Todavia, os dados moçambicanos se revelaram muito mais sensíveis ao perfil social dos informantes do nível médio do que propriamente um efeito do acesso à norma europeia.

Outra diferença se verificou na atuação das variáveis que controlam o papel do contato linguístico no apagamento da vogal átona medial: os dados são-tomenses se mostraram sensíveis ao efeito da frequência de uso de um crioulo. Em Moçambique, por outro lado, as variáveis que davam conta da relação do Português com as línguas locais não se mostraram relevantes, até por conta da falta de convergência entre a frequência bruta e os pesos relativos.

Em síntese, os resultados deste estudo inicial revelam que é possível o tratamento comparativo entre as variedades do Português faladas em São Tomé e em Moçambique na análise do fenômeno variável em foco. Entretanto, os resultados aqui discutidos jamais podem ser tomados como absolutos. É fundamental a adoção de procedimentos teórico-metodológicos que ultrapassem uma análise meramente quantitativa, e que se direcionem para uma análise mais verticalizada de cada comunidade. Essa investigação mais complexa está em andamento. A lição que este trabalho deixa é a de que muito há a se fazer na investigação sobre aspectos fonético-fonológicos das variedades africanas do Português, mas o que já se descreveu sobre São Tomé e Moçambique deixa evidente a necessidade de atrelar a descrição linguística à realidade multilíngue dessas comunidades.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Porto Alegre, PUC-RS, 2000. 235.fl.s. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de *et. al.* As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, Gabriel Antunes de *et al.* (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 37-60.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Variação e o estatuto de variedades do Português. *Diadorim*. v.18, Número Especial, p. 83-104, 2016.

CAIXETA, Valmir. *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CHAVES. Raquel Gomes. *A redução de proparoxítonos na fala do Sul do Brasil*. 2011. 173f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FERNANDES, Ana Catarina Garcia. *Apagamento de vogais átonas em trissílabos proparoxítonos: um contributo para a compreensão da supressão vocálica em português europeu*. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Porto, Porto, 2007.

FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

FONSECA, Simone Meckler. *O problema das proparoxítonas: a perda da vogal postônica*. 2007. 68 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

GOMES, Danielle Kely. *Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. 273 f. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

GOMES, Danielle Kely. O apagamento das vogais postônicas não finais: uma análise contrastiva entre variedades do português. *Revista da ABRALIN*, vol. 14: 185-106, 2015.

GOMES, Danielle Kely. Síncope das vogais postônicas não finais: uma análise contrastiva entre variedades do português. In: DE PAULA, Alessandra; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; VIEIRA, Silvia Rodrigues. (orgs). *Uma história de investigação sobre a Língua Portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo, Blucher, 2018. p. 213-224.

GOMES, Danielle Kely. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo, Blucher, 2018. p. 159-176.

GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 1996.

GONÇALVES, Rita; HAGEMEIJER, Tjerk. O Português num contexto multilíngue: O caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, Moçambique, v.1, n. 1, p. 87-107, 2015.

HAGEMEIJER, Tjerk. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões*. 6, p. 74-88, 1999.

HAGEMEIJER, Tjerk. As línguas de São Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* (1)1, p. 1-27, 2009.

HAGEMEIJER, Tjerk. Prefácio. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 7-9.

LIMA, Giselly de Oliveira. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano*. 2008. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

LIMA, Giselly de Oliveira. *Percepção da síncope em palavras proparoxítonas*. 2017. 154f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

NASCIMENTO, Fabiane de Mello Vianna da Rocha Teixeira Rodrigues do. *O sistema vocálico do português de São Tomé e o comportamento das vogais médias pretônicas*. 2018. 194 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PISSURNO, Karen Christina da Silva. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística*. 2017. 213 fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2017.

PISSURNO, Karen Christina da Silva. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher. p. 75-91.

RAMOS, Adriana Perpétua. *Descrição das vogais postônicas não finais na variedade do Noroeste Paulista*. 2009. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

SILVA, André Pedro. *Supressão da vogal átona postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense*. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SILVA, André Pedro. *Vogais postônicas não finais: do sistema ao uso*. João Pessoa, 2010, 216f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

TIMBANE, Alexandre António. Que português se fala em Moçambique? Uma análise sociolinguística da variedade em uso. In: *Revista Vocábulo*, v. VII. São Paulo, 2014.

WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.